

## METODOLOGIA DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: Os desafios atuais

Israel Araujo de Sousa Neto<sup>1</sup>

### RESUMO

A produção deste artigo se dá a partir do trabalho e estudo realizados durante as aulas ministradas à turma de graduação em Pedagogia, referente à disciplina Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa II, e tem por objetivo abordar o processo de desenvolvimento da Língua Portuguesa – sua história, evolução, perfil atual e implicação pedagógica. Considerando este processo como requisito básico para a boa compreensão e transmissão de conhecimento, além da aplicação metodológica no processo de ensino-aprendizagem, realizado mediante a prática docente com crianças, jovens e adultos. O processo de comunicação envolve tanto a linguagem formal, como a coloquial, tanto oral, quanto a escrita; a gramática que trabalha o padrão da língua, a *ortografia*, é fundamental neste processo de abordagem, pois é ela a responsável por ordenar e sistematizar a língua e o ensino desta. Além, disso, a abordagem da questão das variações linguísticas, suas implicações metodológicas e práticas, é indispensável neste trabalho; destacando aí os tipos de linguagem, os mecanismos e os conteúdos escolares para o ensino da Língua Portuguesa. A partir de um trabalho já executado e bem sucedido, espera-se que esta análise venha a contribuir para o futuro, na formação de profissionais da educação, que busquem compreender os fundamentos daquilo que ensinam, a fim de que ensinem com competência e obtenham o sucesso almejado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metodologia; Língua Portuguesa; Comunicação; Gramática.

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia e Especialista em Antropologia Filosófica na Área de Conhecimento em Educação, docente da Faculdade Pan-Americana.

## **ABSTRACT**

The production of this article starts from the work and study carried out during the classes given to the graduating class in Education, on the Teaching Methodology discipline gives Portuguese Language II, and aims to assess the development process of the Portuguese language - its history , evolution, and current pedagogical implication profile. Considering this as a fundamental requirement for a good understanding and transmission of knowledge, beyond the methodological application in the teaching-learning process performed by the teaching practice with children, youth and adults. The communication process involves both formal language, as colloquial, both oral and writing; grammar working the default language, spelling, is crucial in this process approach, for it is responsible for order and systematize the language and the teaching of this. Moreover, it would approach the issue of language variations, methodological and practical implications, is essential in this work; then highlighting the types of language, mechanisms and learning contents for the teaching of Portuguese. From a work already performed and successful, it is hoped that this analysis will contribute to the future, the training of education professionals, who seek to understand the fundamentals of what they teach in order to teach competently and get the desired success.

**KEYWORDS:** Methodology; Portuguese Language; Communication; Grammar.

## 1- INTRODUÇÃO

O processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa, desde o início da carreira escolar de uma criança, destaca-se entre as demais disciplinas e se torna objeto de discussão de muitos especialistas, seja pelo fato do processo de ensino se configurar a cada dia como mais desafiador, seja pela falta de acompanhamento no processo prático no uso da linguagem.

O conhecimento é significativo por definição. É o produto significativo de um processo psicológico cognitivo (“saber”) que envolve a interação entre ideias “logicamente” (culturalmente) significativas, ideias anteriores (“ancoradas”) relevantes da estrutura cognitiva particular do aprendiz (ou estrutura dos conhecimentos deste) e o “mecanismo” mental do mesmo para aprender de forma significativa ou para adquirir e reter conhecimentos (AUSUBEL, 2003. Folha de rosto).

Desde que o processo de transmissão de conhecimento se iniciou, está relacionado diretamente com a aplicação da língua, e esta, sujeita a normas que a conduzem e ordenam. O ensino tradicional muitas vezes parece parar, lança âncora e estagna. Este fato não é concebível, uma vez que a linguagem, a comunicação, a sociedade interativa... são dinâmicas, jamais cessam. Assim também é a realidade linguístico-social do aluno que, com muita frequência está aquém do que deveria e, no ambiente escolar onde se encontra, este aluno sequer é notado; quanto ao investimento necessário para a qualidade e a eficácia do processo de ensino-aprendizagem, normalmente é o mínimo possível.

É inegável a urgência de incentivos à capacitação e produção pedagógica que trabalhe tanto o aspecto intelectual do aluno, com também suas peculiaridades de produção, leitura e interpretação de textos orais e a escrita. Com a falta de incentivos e de atualização por parte dos transmissores de conhecimento, a escola vem deixando de lado sua missão básica, de preparar e ensinar cada um de seus discentes, preparando-o para executar tarefas diárias de acordo com a realidade em que vive e atua este aluno. Para que se tenha um resultado eficaz no processo de aprendizagem do aluno, é indispensável que seja considerada sua participação ativa e a soma de conhecimentos, juntando as experiências exteriores ao ambiente escolar – aquelas adquiridas antes das instruções do educador – com os conteúdos sistemáticos propostos pelo processo de ensino.

Ao desempenhar as tarefas que lhes possibilite aplicar seu conhecimento diverso, os alunos poderão adquirir habilidades que completem o seu currículo educacional. A escola precisa garantir que o aluno esteja preparado para tomar decisões dentro do meio social no qual se estabelece; para isso, é necessário que possua conteúdos formativos que lhe possibilite ver e analisar, atuar e modificar a realidade social que encontrar diante de si. De acordo com Saviani (1991, p. 55):

O estudo das raízes históricas da educação contemporânea nos mostra a estreita relação entre a mesma e a consciência que o homem tem de si mesmo, consciência esta que se modifica de época para época, de lugar para lugar, de acordo com um modelo ideal de homem e de sociedade.

A educação tem um poder social transformador muito grande; por meio dos mecanismos educacionais o indivíduo tem acesso – com a mesma igualdade dos outros – aos códigos, normas e conhecimentos científicos e tecnológicos, filosóficos e artísticos nesse vasto universo social no qual vive. Quando a escola trabalha com o todo, e deixa de reproduzir no seu interior as diferenças encontradas no meio social, exerce seu verdadeiro papel social, faz com que o aluno absorva outros conhecimentos, desenvolva atitudes e valores decisivos e norteadores para sua vida pessoal e atuação social presente e futura.

## 2- DESAFIOS ATUAIS DA EDUCAÇÃO

Apresentar e discutir os aspectos teóricos e práticos do Ensino de Língua Portuguesa, dentro das concepções atuais da ciência da linguagem e dispor de seus elementos básicos, é desafio antigo e cada vez mais atual.

Segundo FERREIRA (2000, p. 270), ensinar significa: “EN.SI.NAR: v.t.d. 1. Ministar o ensino de; lecionar. 2. Transmitir conhecimentos a; instruir [...]”. Para Piletti (2001, *apud* Faria 2011), o verbo “ensinar”, do latim *signare*, significa “colocar dentro, gravar no espírito”. Traduzindo à compreensão simplificada, trata-se do ensino que “marca” e “passa” lições, obedecendo a critérios técnicos e independentes de qualquer fator pessoal do aprendiz. Partindo deste conceito etimológico, nasce a definição de ensino como se concebe tradicionalmente: “Ensinar é transmitir conhecimentos”, baseando-se apenas nas exposições em sala de aula e nas explicações subsequentes. Em outros termos, o ensino tradicional se resume em ter, de um lado, o professor ensinando o que sabe e, de outro, o aluno que precisa “receber” toda a carga de conhecimento que lhe foi repassada.

No exercício de orientação sobre a prática docente em sala de aula, aos graduandos do curso de Pedagogia, o que se procurou transmitir a respeito do processo de ensino-aprendizagem, e a respeito da metodologia do ensino da Língua Portuguesa, diverge radicalmente dessa proposta tradicional.

Para o ensino efetivo da Língua Portuguesa e a valorização do processo de transmissão do conhecimento é indispensável valorizar a *práxis* pedagógica de forma consciente e coerente, considerando a dedicação recíproca, além de fazer uso de habilidades que favoreçam o processo; com isso, facilitando o ensino-aprendizagem. Quando se trata de ensino, sempre se deve procurar trabalhar de forma contextualizada, utilizando, dentre outras, a realidade do educando, a fim de facilitar o processo de ensino-aprendizagem e a relação cognitiva entre educando e educador. Somente assim pode-se almejar a obtenção de resultados favoráveis no desempenho de ambos e na transmissão do conhecimento.

Vários são os desafios relacionados ao ensino da Língua Portuguesa, não diferente do que é em todas as demais disciplinas do currículo escolar; dentre eles estão: a falta de capacitação profissional (recursos humanos) no manuseio dos novos recursos tecnológicos; a carência de criatividade; a falta de recursos materiais (tecnológicos); além da baixa produção e contextualização das realidades abordadas na pedagogia do ensino.

## 2.1- Significação da Aprendizagem

O termo “aprendizagem mecânica” já é utilizado ao se referir à aprendizagem de novas informações com pouca ou nenhuma associação a conceitos reais, existentes na estrutura do conhecimento e/ou na vida prática de quem se dispõe a aprender. Segundo Pontes Neto (2001, pp. 65.78):

Um certo grau de mecanicidade, não deve ser desprezado porque também conteúdos que não podem ser substantivamente modificados são necessários no dia a dia (...) nem sempre o que aprende-se significativamente é compatível com o conhecimento especializado de uma determinada área.

De fato, no processo de significação do conhecimento é necessário que haja certa mecanicidade, considerando, entretanto que, no processo de aprendizagem, contextualizando a escola como lugar eleito para tal, esta mecanicidade seja flexível e o novo conteúdo possa ser relacionado com os conhecimentos prévios do estudante. Para César Coll (1995, p. 149),

A significância da aprendizagem não é uma questão de tudo ou nada e sim de grau; em consequência, em vez de propormos que os alunos realizem aprendizagens significativas, talvez fosse mais adequado tentar que as aprendizagens que executam sejam, a cada momento da escolaridade, o mais significativa possível.

Tanto o professor, quanto a instituição escolar poderão basear sua atuação junto ao aluno, visando o progresso de uma educação inovadora; para tal, é preciso estabelecer parcerias entre ambos: somando ao conhecimento técnico, normativo, mecânico, a experiência prévia de cada aluno; incentivando o uso dos novos recursos tecnológicos; criando e oferecendo oportunidades a eles, valorizando o potencial de cada um como futuros profissionais que são e que se configuram e aperfeiçoam, sobretudo, no ambiente escolar. Valorizar as habilidades dos alunos é também transmissão de conhecimento. Deste modo, é necessário formar uma consciência de mútua ajuda. Somente assim os estudantes deste novo tempo poderão sentir que são também colaboradores da e para a educação.

Sem dúvida alguma, um dos maiores desafios desse tempo é fazer com que os alunos despertem interesse em frequentar, participar e interagir em sala de aula. Para que essa realidade mude, é necessário adequar o currículo escolar à vida do aluno. Trata-se de um processo de contextualização que não exige tanto esforço

assim. Bastaria, num primeiro momento, fazer com que cada aluno perceba valorizada sua experiência prévia; em seguida, de forma dinamizada, procurar explorar e estabelecer relações entre as mais diversas experiências vividas por cada um. Talvez esse fosse o primeiro de tantos passos necessários para a reformulação do processo de transmissão do conhecimento.

Quando o estudante perceber que aquilo que lhe é oferecido como conhecimento não é algo que está fora de sua realidade, seu interesse se voltará a tudo aquilo que se assemelhe à sua vida e experiências. Daí em diante, o empenho e a participação ativa e cooperativa deste aluno darão um salto positivo, e o processo educacional se tornará muito mais interessante, tanto ao educando, como ao educador.

### 3- PORTUGUÊS CERTO OU ERRADO? – VARIAÇÕES DA LÍNGUA

O segundo desafio destacado aqui é a dificuldade que muitos educadores sentem para trabalhar a língua e suas variações. De fato, são muitas as formas possíveis para trabalhar a linguagem falada e a linguagem escrita, mas depende muito da criatividade e habilidades do profissional educador.

A metodologia de ensino atual dispensa os moldes tradicionais, a partir dos quais o professor se configura como o que sabe de tudo e o aluno o que não sabe. Pede-se que, para os dias de hoje, o professor utilize não só conteúdos atualizados, mas, sobretudo, a dinâmica e a criatividade, procurando sempre inovar sua prática pedagógica. Infelizmente ainda um número muito elevado de escolas – sobretudo, no cenário brasileiro atual – que não tem ainda de condições para desenvolver um trabalho que valorize estas exigências metodológicas atuais. Entretanto, o próprio professor, usando de criatividade, procurando dinamizar seus momentos de encontro em sala de aula, pode fazer a diferença, utilizando-se de recursos pedagógicos que não dependem de mais ninguém, além dele próprio; poderá dispor de criatividade, utilizando o lúdico, buscando fontes materiais a partir da própria realidade dos estudantes, tais como anúncios comerciais, *outdoors*, frases e palavras escritas de forma “incorreta” de acordo a Norma Gramatical Brasileira da Língua Portuguesa.

Pois é. U português é muito fáciu di aprender, purqui é uma língua qui a genti iscrevi ixatamente cumu si fala. Num é cumu inglês qui dá até vontadi di ri quandu a genti discobri cumu é qui si iscrevi algumas palavras. Im português, é só prestatenção. U alemão pur exemplu. Qué coisa mais doida? Num bate nada cum nada. Até nu espanhol qui é parecidu, si iscrevi muito diferenti. Qui bom qui a minha lingua é u português. Quem soubé falá, sabi iscrevê. (SOARES, 1990. p. 19).

É estranho ler um texto com essa disposição de termos coloquiais e mal escritos, tanto na forma tradicional de ensino-aprendizagem, quanto na forma inovadora. Nesse caso, o professor deverá se utilizar da realidade do aluno, a fim de obter maior aproximação e familiarização com a língua. Um texto como o destacado acima é excelente sugestão para iniciar uma aula!

Essa forma inovadora de ensinar pode ser utilizada na ação pedagógica, demonstrando aos alunos o valor de suas experiências acumuladas e conscientizando-os de que há sim um padrão culto da língua, com a finalidade de regular sua aplicação e uso. Entretanto – fique claro a todos quantos se interessem –

a fala permite uma série de variações, sejam elas culturais, dialetais ou regionais. A este respeito, foi exibida na televisão uma matéria, realizada pela repórter Ana Zimmerman, que aborda exatamente esta questão. O linguista da USP, professor Ataliba Castilho, faz considerações interessantes sobre este fenômeno:

Cientificamente, falar é só errado quando você fala e o outro não entende. No mais, não há erro ou acerto. Existe uma norma que vale para uma situação mais tensa, uma situação em que você está prestando mais atenção no que você fala: um discurso, uma conferência, uma aula. E existe uma norma, mesmo dentre a norma culta, mais espontânea, que é quando você conversa com seus amigos, e eles são da sua mesma classe sociocultural... Então você pode utilizar a língua de um modo um pouco diferente do que se fosse numa situação formal, numa situação refletida.<sup>2</sup>

Porém, o mesmo professor Ataliba chama à atenção um fato importante:

Se eu estou escrevendo um texto, tenho ali que levar em conta certos padrões que são reconhecidos pela sociedade como o que se espera de uma pessoa culta, de uma pessoa que tenha cultura, que tem formação.<sup>3</sup>

De fato, a linguística não existe para apontar quem fala ou não de maneira correta. A gramática da língua e todas as propriedades que atentam ao fato de sistematizar a língua existem para garantir este ordenamento esta padronização, sobretudo, na língua culta, normalmente usada na escrita. O professor tem esse papel de facilitador, tendo como finalidade garantir que todos tenham acesso a essa normatização; o que não significa dizer que o professor deva ser um fiscal da gramática, atento a corrigir todos os “erros” e termos que fogem à norma culta estabelecida.

Sobre isso, na mesma matéria de televisão, o professor Rodolfo Ilari, linguista da UNICAMP, considera:

Nós linguistas nunca dissemos que não tem que ensinar. Dissemos que você não tem que ser preconceituoso em relação à maneira como as pessoas falam, porque as pessoas que falam “nóis diz”, nóis vai”... essa gente também faz; e nós precisamos daquilo que eles “faz”. É um pouco também como a atitude das pessoas que vão sair de casa e precisam escolher uma roupa pra ir a determinados lugares. Bom! Eu vou a um churrasco com os amigos; eu não vou de terno.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> A LÍNGUA QUE A GENTE FALA. **Jornal Hoje**, Rio de Janeiro: Rede Globo, 18 mar. 2015. Programa de TV.

<sup>3</sup> Ibid.

<sup>4</sup> Ibid.

A evolução da língua registra uma série de variações que esta sofreu ao longo de sua história. Exemplo disto pode ser observado nos textos antigos da Língua Portuguesa, tais como um em específico, do padre Raphael Bluteau:

Com esta commemoração dos termos antigos não pedem as palavras antiquadas, que usemos dellas, porque o discurso, como o corpo, sempre hade vestir segundo o uso do tempo.<sup>5</sup>

De fato essa modificação evolutiva sofrida pela língua ao longo do tempo, não permite, portanto, apontar para esta ou aquela palavra “errada” ou “certa”. O uso da língua permite que esta passe por processos evolutivos, adquirindo novos termos e expressões, enquanto deixa de usar outros. “Assim como certas roupas saem de moda, também algumas palavras, ninguém mais usa”<sup>6</sup>.

Um exemplo muito próximo dos exemplos citados e das considerações acima está presente nas variações linguísticas dentro de um mesmo país, como é o caso do Brasil; e, neste, um estado recebe destaque especial: o estado do Pará. Neste estado brasileiro, muitas expressões e termos são usados fora do que estabelece a norma culta da Língua Portuguesa. Dentre outros muitos exemplos, alguns dos mais usados:

Aqui no Pará, dizemos tu em vez de você, falamos eras, que já foi Ebe e hoje é égua, que é usado em 99% das frases ditas pelo paraense, seja de admiração, insatisfação, raiva, espanto, na alegria e na tristeza... até que a morte nos cale! (...) Aqui quando alguma coisa é muito boa, bacana, excelente, legal... é por que ela é Pai d'égua!!!<sup>7</sup>

Este fenômeno é conhecimento e deve ser valorizado dentro e fora do ambiente escolar. A educação deve reconhecer e desempenhar seu papel social e as escolas, por sua vez, devem se reconhecer como reais responsáveis pela educação formal das novas gerações. Para isso, precisam refletir sobre a finalidade para a qual existem, além de buscar se atualizar constantemente, tendo sempre em pauta sua própria realidade estrutural, suas dificuldades e sua função; precisa se adequar ao momento atual da história, visando sempre a formação dos novos atores sociais, formando cidadãos comprometidos com o momento presente e futuro, mesmo diante das mais diversas diferenças sociais.

---

<sup>5</sup> Ibid. apud BLUTEAU, Raphael. 1728.

<sup>6</sup> Ibid. Ana Zimmerman.

<sup>7</sup> Dicionário Papa Xibé. Disponível em: < <https://artepapaxibe.wordpress.com/dicionario/> >. Acesso em: 18 mar. 2015.

#### 4- CONCLUSÃO

Pensar e discutir uma educação de qualidade, um novo momento histórico, no qual seja possível estabelecer relações concretas entre o educador, o educando e a sociedade, onde seja verdadeiro o respeito pelas diferenças, onde a realidade e as descobertas da sala de aula vá além das quatro paredes... não é utopia!

Permitir aos alunos trazer para a sala de aula suas contribuições, sua experiência, seu conhecimento, talvez seja o primeiro passo para uma modificação e qualificação do ensino atual. Mais que isso, talvez seja essa a condição indispensável para uma educação autônoma. Talvez, seja preciso “*re-conhecer*” o que se chama de “*conhecimento*”, unindo aos métodos tradicionais o arcabouço epistemológico, de habilidades e competências, presentes a partir na experiência vivida de cada sujeito deste processo; e, deste momento em diante, estabelecer um diálogo com aqueles que são muito mais que simples receptores. Possivelmente seja esta a estratégia que falta ser efetivada. Quem sabe se com uma verdadeira interação a transmissão mútua de conhecimentos e o processo educacional como um todo não alcançam o seu ápice de qualidade e de estrutura pedagógica?!

O que se sabe, todavia, é que a educação é ainda deficiente e necessita de mais atenção e de mais mãos que, juntas a transformem, para que, enfim, reconheça seu papel fundamental na busca pelo desenvolvimento e transmissão do conhecimento. Entretanto, para que possa exercê-lo com competência, adotando técnicas e mecanismos novos, seja do ponto de vista estrutural, seja pedagógico, precisa buscar seu desenvolvimento dinâmico e reflexivo, a fim de que, explorando e dinamizando a criatividade dos professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem, consiga dar um salto de qualidade, superando qualquer tipo de reducionismo, abrindo novos horizontes, para que as conquistas desses novos atores sociais se tornem cada vez mais reais e possíveis.

## 5- REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David. P. **Aquisição e Retenção de Conhecimentos: Uma Perspectiva Cognitiva**. Lisboa: Plátano, 2003.

COLL, César. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, 3v.

FARIA, William Resende de. **A importância da avaliação no processo de ensino-aprendizagem aplicado no ensino superior**. 14 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/cotidiano/a-importancia-da-avaliacao-no-processo-de-ensino-aprendizagem-aplicado-no-ensino-superior/53145/>>, Acesso em: 08 mar. 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. **Miniaurélio Século XXI Escolar**: o minidicionário da Língua Portuguesa. 4. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 270, 2000.

PONTES NETO, José. A. da S. **Sobre a aprendizagem significativa na escola**. MARTINS, E. J. S. et. al. **Diferentes faces da educação**. São Paulo: Arte & Ciência Villipress, 2001.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do Senso Comum à Consciência Filosófica**. 10 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

SOARES, Jô. **Os Pequenos Paradoxos de Todo Dia**. Revista Veja, São Paulo: Editora Abril, 28 novembro.1990.